



CORPO DE DELITO

Abril

É bom que em cada Abril não esqueçamos o que antes dele houve e o que depois dele sempre vem, a noção total da realidade



Rui Patrício

Abril é um bom mês para revoluções, reformas, mudanças, limpezas, pinturas e renovações; pelo menos nos locais onde há Primavera e onde esta acontece por esta altura. Não há melhor ambiente para isso do que a explosão de verde, de luz e de vida que acontece no início da estação que nos resgata depois do Inverno. O momento da renovação da vida é o mais calhado para revolucionar, reformar, mudar. Experimente-se, por exemplo, ir de Belmonte a Manteigas, ou vice-versa, numa tarde soalheira de Abril, e não há como resistir a uma vontade intensa e alegre de mudança, parecendo tudo fácil, possível, bonançoso. Aqui e ali, quando se avista, sob a luz, a água veloz do Zêzere – parte dela gelo ainda há pouco tempo –, chega-se

mesmo a pensar que tudo é possível, que tudo é bom, que tudo será sempre aquela conjugação de verde, luz, água e vida. E quem diz de Belmonte a Manteigas diz outros percursos, onde idêntica perfeição se nos oferece e tem os mesmos efeitos. Por exemplo, do Pocinho ao Baixo Sabor, também num dia soalheiro e promissor de Abril, primeiro acompanhando o curso do Douro, depois o do Sabor, ambos correndo fartos e generosos. A orgia que se oferece aos sentidos intumesce a esperança e a bonomia de tal forma que há o risco de por momentos perdermos a noção total da realidade.

E a realidade – a que Abril com sol também pertence, mas é só uma parte – diz-nos que há mais 11 meses, e que Abril também pode ser um mês chuvoso, frio e ventoso, e até traiçoeiro, quando regressam restos da invernia que matam ou deitam por terra o que despontou, rebentou, floresceu e nasceu nos dias soalheiros do começo da Primavera. Depois de Abril, os meses de Maio e Junho – apesar de também terem dias menos bons e de um ou outro apontamento de traição – ainda correm viçosos, vivazes, promissores e agradáveis. Mas logo vem

Julho, que seca e torra, e o mesmo acontece em Agosto. O ar como que pára, os rios como que encolhem, os animais enlanguescem, o verde perde intensidade, aqui e ali as coisas amarelam já. Daí até ao começo do cair da folha e às primeiras aragens menos amenas é um pulinho. As promessas de Abril não duram para sempre, nem sequer duram muito. A vida renovou-se, é certo, as coisas nasceram, cresceram e deram frutos, mas não tanto quanto se esperava naqueles momentos em que a orgia dos sentidos embotou as ideias. Também há Inverno; há frio, gelo e vento. Também há morte e perda, também há contradição, e de tudo isso, afinal, se alimentam a vida e a sua necessária renovação. Haverá outro Abril, e depois outro, e outros ainda. É bom que o saibamos nos outros 11 meses do ano, tal como é bom que em cada Abril não esqueçamos o que antes dele houve e o que depois dele sempre vem. A noção total da realidade. Mesmo que, no percurso verdejante, solar e vivo de Belmonte a Manteigas naquele soalheiro dia 25, possamos por momentos acreditar na eternidade de Abril.

Advogado. Escreve ao sábado

